

“VIVEMOS DO QUE PRODUZIMOS NA TERRA”: VOZES E ESTRATÉGIAS DE MULHERES INDÍGENAS DO CHILE E DA GUATEMALA: INCLUSÃO EM CIRCUITOS CURTOS DE COMERCIALIZAÇÃO AGROECOLÓGICA.
“WE LIVE FROM WHAT WE PRODUCE ON THE LAND”: WOMEN FARMERS AND THEIR STRATEGIES FOR INCLUSION IN AGROECOLOGICAL SHORT SUPPLY CHAINS. VOICES OF INDIGENOUS WOMEN FROM CHILE AND GUATEMALA.

JIMÉNEZ, Byron Javier¹; FIÚZA, Ana Louise²; GOMES, Nadja³;

¹Doutorando em Economia Doméstica -UFV-, membro do grupo de pesquisa GERAR - byron.j.fuentes@ufv.br-; ²Professora Titular do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos Rurais, Agriculturas e Ruralidades -GERAR-, -louisefiuz@ufv.br-. ³Professora do Departamento de Nutrição e dos Mestrados em Estudos Rurais e em Saúde, Sociedade e Ambiente -UFVJM-, -nadja.murta@ufvjm.edu.br-.

GT9. Trabalho, emprego, ocupações rurais e relações de gênero

Resumen:

Enquanto a pobreza, a desigualdade e outros problemas socioeconômicos continuam afetando as mulheres indígenas rurais, surgem espaços onde elas podem desenvolver melhor seu potencial, como é o caso da agroecologia. Este artigo analisa e compara estratégias adotadas por mulheres indígenas rurais para participar de circuitos curtos de comercialização agroecológica em Chiloé (Chile) e Cantel (Guatemala). A partir de uma metodologia etnográfica, que combinou dados quantitativos e qualitativos obtidos por meio de observação participante estruturada e entrevistas semiestruturadas, o estudo evidencia que o contexto em que se desenvolvem as práticas agroecológicas é determinante para o sucesso das agricultoras. Em Chiloé, há maior apoio estatal; em Cantel, esse apoio é bastante limitado. Ainda assim, as mulheres de ambos os territórios demonstram empoderamento econômico como resultado de seu trabalho agroecológico, bem como um cuidado especial com a alimentação da família e com o meio ambiente.

Palavras-chave: Trabalho feminino. Agroecologia. Agricultura alternativa. SIPAM. Autonomia econômica.

Abstract

While poverty, inequality, and other socioeconomic challenges continue to affect rural Indigenous women, certain spaces emerge where they can further develop their potential—agroecology being one such example. This article analyzes and compares the strategies adopted by rural Indigenous women to engage in agroecological short supply chains in Chiloé (Chile) and Cantel (Guatemala). Based on an ethnographic methodology that combined quantitative and qualitative data collected through structured participant observation and semi-structured interviews, the study demonstrates that the context in which agroecological practices take place is a determining factor in the success of women farmers. In Chiloé, state support is more substantial, whereas in Cantel, such support is significantly limited. Nevertheless, women in both territories exhibit economic empowerment as a result of their agroecological work, as well as a special commitment to family nutrition and environmental care.

Keywords: Women's Labor. Agroecology. Alternative Agriculture. GIAHS. Economic Autonomy.

O atual sistema econômico global tem sido amplamente criticado por não atender de forma adequada às necessidades das pessoas. Uma das principais críticas é que ele gera uma distribuição desigual de recursos e riqueza, favorecendo grupos minoritários e relegando outros a situações de vulnerabilidade. Autoras como Cisne (2015), argumentam que esse sistema utiliza, como uma de suas principais alavancas de reprodução, a apropriação do corpo, da mente e do trabalho das mulheres. Essa apropriação gera desigualdades evidentes em todas as dimensões da vida feminina, como a limitada participação social, a falta de poder de decisão, a dependência econômica e emocional em relação ao homem, além de dificuldades no acesso à educação de qualidade e ao mercado de trabalho, entre outras.

Essa desigualdade no acesso às oportunidades gera um fenômeno conhecido como divisão sexual do trabalho, que, por sua vez, conduz à desvalorização do trabalho feminino,

evidenciada na menor remuneração salarial das mulheres. Historicamente, as mulheres foram socialmente designadas às tarefas de reprodução da vida e do cuidado, enquanto os homens foram associados à produção de valor tangível. Em muitas regiões, o trabalho feminino na agricultura não é reconhecido nem valorizado como tal, sendo considerado invisível, subestimado e, muitas vezes, reduzido a uma simples ajuda ao homem. Este trabalho baseia-se nos aportes teóricos de autores de referência no campo da agroecologia, bem como nas contribuições teóricas de Amartya Sen e Juan Bordenave. Amartya Sen (1999) defende que as mulheres desempenham um papel central na redução das desigualdades. Nesse sentido, o conceito de participação, segundo Bordenave, torna-se fundamental. Para o autor, a participação autêntica é um processo ativo e transformador, por meio do qual os indivíduos não apenas expressam suas opiniões, mas também influenciam decisões e modificam sua realidade, implicando um envolvimento consciente, ativo e emancipador (Bordenave, 1983).

Este artigo tem como objetivo comparar algumas das estratégias implementadas por agricultoras rurais para participarem ativamente de circuitos curtos de comercialização. Para isso, analisa-se a experiência de mulheres indígenas que vivem no arquipélago de Chiloé, no Chile, e em Cantel, na Guatemala. Nesse contexto, a literatura evidencia que as mulheres rurais identificaram na agricultura alternativa uma via para sua inclusão e empoderamento (Deaconu, Mercille & Batal, 2019; Peredo & Barrera, 2019).

A comercialização dos alimentos produzidos pelas agricultoras representa um dos pilares fundamentais para alcançar essa inclusão e empoderamento. A venda direta, em pequena escala, entre produtor e consumidor constitui uma prática bastante comum em áreas rurais de países latino-americanos, sendo conhecida como circuito curto de comercialização. Essa modalidade favorece o produtor ao facilitar seu acesso a mercados locais, além de promover justiça social e econômica, ao permitir que ele controle os custos de distribuição e de venda. No âmbito comunitário, também fortalece a autonomia alimentar, pois possibilita que os moradores adquiram alimentos conforme suas preferências. No entanto, esse tipo de comercialização apresenta limitações quanto ao alcance dos produtos, e os preços tendem a ser mais elevados para os consumidores. Por essa razão, essa estrutura de comercialização constitui o foco principal deste estudo.

Assim, adotou-se uma metodologia etnográfica, que permitiu compreender de forma mais aprofundada como se relacionam os diferentes elementos que compõem o fenômeno em questão. Como parte do processo de imersão cultural, o pesquisador residiu no Chile e em Chiloé entre novembro de 2023 e maio de 2024; e em Cantel, entre janeiro e março de 2025. Foi aplicado um delineamento transversal não experimental para analisar as variáveis em um momento específico. A amostra foi não probabilística, intencional e por adesão, composta por 15 mulheres agricultoras, em sua maioria indígenas, certificadas pelo selo SIPAM/Chiloé e residentes em áreas rurais de diferentes comunas do arquipélago. Para a coleta de dados primários, foram utilizadas técnicas de observação estruturada participante e não participante, além de entrevistas semiestruturadas. O pesquisador acompanhou diversas agricultoras em suas rotinas diárias, participando do trabalho agrícola e de reuniões comunitárias. Como instrumentos auxiliares, utilizaram-se cadernos de campo, recortes de jornais antigos, gravações e fotografias.

Resultados e Discussão

“Vivemos do que fazemos no campo” (comunicação pessoal, 18 de abril de 2024) Foi assim que a participante 14 expressou a importância do trabalho agrícola realizado em suas terras para a economia doméstica. Essa realidade foi comum para 67% das agricultoras de Chiloé que participaram da pesquisa, pois sua principal fonte de renda provém justamente do trabalho no campo. Em 80% dos casos, os maridos acompanham as esposas nas atividades agrícolas, enquanto apenas 20% estão totalmente desvinculados desse trabalho.

Em Chiloé, as vendas nos circuitos curtos de comercialização agroecológica (CCCA) ocorrem de diferentes maneiras, sendo os principais compradores recorrentes os vizinhos, amigos e familiares. A modalidade mais comum foi a venda direta realizada nas próprias casas ou terrenos, praticada por 70% das participantes. Algumas vendas também são realizadas por meio de redes sociais. Cerca de 87% delas utilizam ferramentas virtuais, como WhatsApp e Instagram, para divulgar seus produtos e organizar as entregas, que normalmente ocorrem no centro da comuna. Muitas vendem regularmente para famílias e restaurantes.

Além disso, 60% das agricultoras também comercializam em feiras organizadas pela prefeitura ou por grupos de agricultores. Algumas dessas feiras incluem atrações culturais, como música ao vivo e eventos folclóricos, sendo realizadas em locais estratégicos da zona rural ou no centro das comunas. As agricultoras demonstraram ter controle claro sobre seus custos e lucros. Várias relataram que evitam vender a intermediários, pois isso reduziria sua margem de ganho. Observou-se que elas se organizam de forma autônoma para alcançar objetivos comuns. O pesquisador participou, como observador, de diversas reuniões, nas quais essas mulheres interagiam de maneira democrática e participativa. Um elemento fundamental para o sucesso da agroecologia em Chiloé é o apoio que os agricultores recebem do Estado, por meio da atuação do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário (INDAP) na região. Todas as participantes (100%) relataram ter recebido subsídios estatais para a implementação de projetos voltados à melhoria da produção, tais como estufas, hortas, composteiras, aquecedores, sistemas de irrigação, proteção de animais, galpões de armazenamento, entre outros. As agricultoras chilotas demonstram orgulho em relação ao seu trabalho com a agroecologia. Isso fica evidente em falas como a da participante 2, que afirmou: “Sinto orgulho por conseguir sobreviver com o que eu mesma produzo, por conseguir manter minha casa sem passar aperto com dinheiro” (comunicação pessoal, 07 de fevereiro de 2024).

Em um contexto totalmente distinto — geográfica, econômica, social e culturalmente — encontram-se as agricultoras guatemaltecas. Para essas mulheres, o trabalho agrícola representa apenas uma fonte complementar de renda no lar, uma vez que a principal fonte de sustento é proveniente do trabalho dos maridos, exercido fora do ambiente doméstico e, em geral, sem vínculo com a agricultura. A maioria das agricultoras afirma que realiza suas vendas de forma direta, contando com o apoio principalmente de organizações não governamentais (ONGs), diante do apoio limitado — e quase inexistente — por parte do Estado. Comentam que, no passado, eram realizadas feiras para a comercialização dos produtos, mas essas atividades foram descontinuadas após a pandemia. Apesar de estarem organizadas como grupo há mais de 10 anos, relatam que não se reúnem com frequência regular, o que dificulta o planejamento coletivo e a concretização de seus objetivos. A extensão das terras cultivadas pelas guatemaltecas é significativamente menor do que aquela observada em Chiloé, sendo que a maioria trabalha em áreas que não ultrapassam 1 hectare, com um máximo de até 2 hectares.

Conclusões

O contexto socioeconômico, cultural e político que envolve as agricultoras chilotas é um fator determinante para o estado avançado em que se encontra a atividade agroecológica na região, especialmente quando comparado à realidade observada em Cantel, na Guatemala. O conjunto desses elementos permite que as mulheres e suas famílias consigam subsistir por meio do trabalho agroecológico. Em contrapartida, a situação vivida pelas agricultoras guatemaltecas é substancialmente diferente. Em Cantel, as mulheres utilizam suas vendas como uma estratégia de enfrentamento da pobreza rural, cuja incidência é estatisticamente muito mais elevada do que no contexto chileno.

Os principais elementos que distinguem esses dois cenários dizem respeito, sobretudo, ao apoio do Estado: no Chile, ele se mostra significativo, enquanto na Guatemala o apoio advém, principalmente, de organizações não governamentais (ONGs), em sua maioria de

origem norte-americana. Essa diferença está diretamente relacionada à presença de políticas públicas e programas sociais mais estruturados no Chile e à escassez dessas iniciativas no país centro-americano. Outro aspecto relevante refere-se ao apoio dos cônjuges, que também se mostra mais presente em Chiloé. Esse apoio está vinculado ao reconhecimento social das mulheres como empreendedoras no arquipélago, onde elas deixaram de ser discriminadas por sua condição de agricultoras rurais indígenas.

Em ambos os grupos, ficou evidente o cuidado que as mulheres dedicam à alimentação de suas famílias. No entanto, em Cantel, a quantidade de alimentos produzidos no próprio domicílio não ultrapassa 30%, enquanto em Chiloé esse volume representa aproximadamente 80% da dieta familiar. Também foi evidente, em ambas as localidades, a preocupação com a preservação ambiental demonstrada por essas mulheres ao produzirem seus alimentos de forma consciente e sustentável. Outro ponto comum nos dois contextos é a valorização do reconhecimento pelo trabalho que realizam — as mulheres de ambos os grupos expressaram satisfação ao serem reconhecidas. As participantes também demonstraram criatividade ao diversificarem suas fontes de renda por meio da comercialização de diversos produtos elaborados por elas mesmas, como o artesanato. Em síntese, a inserção em circuitos curtos de comercialização de produtos agroecológicos contribui, de fato, para o empoderamento econômico dessas mulheres, oferecendo às agricultoras de Chiloé e de Cantel uma alternativa concreta para a geração de renda — com potencial para promover sua autonomia e independência econômica, social e emocional em relação aos seus companheiros.

Esta pesquisa foi viabilizada com o apoio da CAPES, da FAPEMIG, da Universidade Federal de Viçosa e da Universidad Austral de Chile, campus Valdivia. Foi igualmente fundamental a colaboração e o respaldo de representantes de instituições como o INDAP da Região de Los Lagos, o CET de Chiloé e a Prefeitura de Ancud. A todas essas entidades e pessoas, expressamos nosso mais sincero agradecimento por contribuírem para amplificar as vozes corajosas das agricultoras chilotas. De modo especial, registro minha profunda gratidão a cada uma das agricultoras e suas famílias, que me acolheram com calor e generosidade em seus lares, permitindo-me conhecer de perto sua realidade.

Referencias Bibliográficas

BORDENAVE, Carlos Alberto. **O que é participação**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil** [livro eletrônico]. São Paulo: [s. n.], 2015.

DEACONU, Ana; MERCILLE, Geneviève; BATAL, Malek. The Agroecological Farmer's Pathways from Agriculture to Nutrition: A Practice-Based Case from Ecuador's Highlands. **Ecology of Food and Nutrition**, [s. l.], v. 58, n. 2, p. 142–165, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03670244.2019.1570179>.

PEREDO, Santiago; BARRERA, Claudia. Evaluación participativa de la sustentabilidad entre un sistema campesino bajo manejo convencional y uno agroecológico de una comunidad Mapuche de la Región de la Araucanía (Chile). **Rev. FCA Uncuyó**, [s. l.], v. 51, n. 1, p. 323–336, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344208896_Evaluacion_participativa_de_la_sustentabilidad_entre_un_sistema_campesino_bajo_manejo_convencional_y_uno_agroecologico_de_una_comunidad_Mapuche_de_la_Region_de_la_Araucania_Chile_Participatory_evaluation/cit.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.